



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

MÁRCIA CRISTINA DE MORAES ARAÚJO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS
COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

BELÉM/PA

2024

MÁRCIA CRISTINA DE MORAES ARAÚJO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS
COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado ao curso de Graduação
em Licenciatura plena em Pedagogia da
Universidade Federal do Pará como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia Orientadora:
Celita Paes

BELÉM/PA

2024

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Celita Maria Paes de Souza (ICED/UFPA)

Orientadora

Profª. Drª Karla Nazareth Corrêa de Almeida (ICED/UFPA)

Examinadora

Profª. Ms. Almira Celia de Cristo Teixeira (ICED/UFPA)

Examinadora

Data da defesa: 31/10/2024

Conceito: Excelente

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo cuidado que tem por mim. Sinto seu amor e seu agir em minha vida, todos os dias, em todos os momentos, e a cada passo que dou, percebo que não estou só.

A minha mãe, Ana Cristina Moraes, por sua confiança incondicional, por atender os meus pedidos de oração, por me abraçar apertado sempre que precisei de colo e por ser meu grande exemplo de bondade e determinação.

A minha avó, Maria da Consolação. Que viveu dias muitos difíceis durante esses anos e me entregou o maior exemplo de fé, que já vi. Obrigada por lutar pela vida, obrigada por sobreviver! Eu te amo, para sempre.

Aos meus irmãos, Márcio, pelo cuidado comigo, pelo respeito por minhas escolhas e por estar comigo, todos os dias, ao Guilherme, por ter mudado minha vida, com sua chegada e por me tornar melhor, apenas por existir e a Mirella, por ser meu raio de sol da manhã.

A Irley Moreira, por nunca soltar minha mão, por viajar em meus sonhos junto comigo, por seu olhar sensível à vida, por amar a educação tanto quanto eu e acreditar no seu poder transformador. Teu amor é minha sorte.

Aos amigos com os quais a graduação me presenteou, Evelyn Nogueira, Vanessa Araújo, Lídia Figueiredo, Josivan Queiroz, Kleber Ruan, Jéssica Miranda, Hiago Chagas, Natália Silva e Janaína Saldanha, obrigada pelo amor, por cada troca, obrigada pela amizade linda, cheia de momentos incríveis. Tudo foi muito melhor, por ter vocês comigo, amo cada um, com tudo de mim.

A Professora Edna Abreu Barreto, que é meu grande exemplo na docência. Seu comprometimento com a qualidade da educação, me tornou sua grande admiradora, mas sua empatia com as pessoas, sua honestidade e bondade, são o que me fazem agradecer pela amizade que se construiu.

E por fim, agradeço à minha orientadora, Celita Paes, por toda sua paciência, por todo conhecimento que compartilhou comigo de forma muito humilde, por me fazer acreditar que era possível e participar ativamente da realização deste trabalho. Querida, Celita, muito obrigada por tudo que fez por mim, te dedico minha eterna gratidão e admiração pelo seu trabalho impecável.

RESUMO

Este trabalho aborda o uso da contação de história como estratégia pedagógica para promover a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil. A pesquisa parte da premissa de que crianças com TEA possuem desafios específicos na comunicação e na interação social, exigindo metodologias adaptadas para favorecer seu desenvolvimento e integração. A contação de história é apresentada como um recurso inestimável por possibilitar a melhoria das habilidades sociais e da linguagem, além de estimular a imaginação e proporcionar um ambiente acolhedor. O estudo destaca a importância de adaptar as narrativas e recursos pedagógicos às necessidades das crianças com TEA, considerando suas sensibilidades sensoriais e a tendência a aceitar e vivenciar as rotinas. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, com base em levantamento bibliográfico e documental. Entre os objetivos específicos, o trabalho busca discutir sobre o potencial da contação de história como prática pedagógica no processo de inclusão; analisar o papel da história como auxiliar na integração social das crianças com TEA. A legislação vigente sobre inclusão é discutida, destacando a necessidade de preparar escola e professores para acolher essas crianças de forma eficaz. O estudo conclui que a contação de história não apenas estimula o aprendizado, mas também facilita a inclusão por meio de atividades lúdicas. A mediação do professor é fundamental, exigindo preparação e empatia para lidar com os desafios apresentados por crianças com TEA. A pesquisa sugere ainda a importância de ambientes educacionais adequados e de estratégias pedagógicas que respeitem as particularidades de cada criança.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Contação de História, Educação Inclusiva.

ABSTRACT

This work addresses the use of storytelling as a pedagogical strategy to promote the inclusion of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in early childhood education. The research is based on the premise that children with ASD have specific challenges in communication and social interaction, requiring adapted methodologies to promote their development and integration. Storytelling is presented as an invaluable resource for improving social and language skills, as well as stimulating imagination and providing a welcoming environment. The study highlights the importance of adapting narratives and pedagogical resources to the needs of children with ASD, considering their sensory sensitivities and the tendency to accept and experience routines. The research uses a qualitative approach, based on bibliographic and documentary research. Among the specific objectives, the work seeks to discuss the potential of storytelling as a pedagogical practice in the inclusion process; analyze the role of history as an aid in the social integration of children with ASD. Current legislation on inclusion is discussed, highlighting the need to prepare schools and teachers to welcome these children effectively. The study concludes that storytelling not only stimulates learning, but also facilitates inclusion through playful activities. Teacher mediation is fundamental, requiring preparation and empathy to deal with the challenges presented by children with ASD. The research also suggests the importance of appropriate educational environments and pedagogical strategies that respect the particularities of each child.

Keywords: Autism Spectrum Disorder, Storytelling, Inclusive Education, Pedagogy.

Sumário

1.INTRODUÇÃO	7
2. REFLEXÕES SOBRE O AUTISMO E OS CAMINHOS PARA INCLUSÃO ESCOLAR. 8	
3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO	11
4. A AMBIENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO INCLUSIVA: UM OLHAR SENSÍVEL PARA AS CRIANÇAS COM TEA	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil é um desafio que requer não apenas a adaptação de práticas pedagógicas, mas também a compreensão das necessidades específicas dessas crianças. Nesse contexto, a contação de história surge como uma ferramenta poderosa para promover o desenvolvimento e a comunicação dessas crianças.

O objeto de estudo desta pesquisa são as especificidades das crianças com TEA na educação infantil, com enfoque na busca de subsídios para que educadores possam contar história de forma que essas crianças compreendam e consigam se comunicar e expressar sentimentos diante da contação de histórias.

A contação de história para crianças com TEA pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento e comunicação das crianças. Histórias podem ajudar a melhorar a interação social, as linguagens verbal e não verbal e a compreensão emocional das crianças com TEA. Além disso, as histórias podem ser adaptadas para atender diversos tipos de pessoas e suas necessidades específicas, proporcionando conhecimento, um ambiente acolhedor e estimulante para o aprendente diante do aprendizado.

Brincadeiras com histórias revelam um universo de habilidades de comunicação na criança com TEA. A literatura reconhece a importância de valorizar as diversas formas de comunicação, como choro, gestos, olhares e expressões corporais, indo além da fala (Deliberato *et al.*, 2021). O desenvolvimento da fala, apesar de fundamental, pode ser atrasado ou impedido pelas características do Autismo, como o isolamento e as dificuldades nas interações sociais. Nesse contexto, a escola assume um papel fundamental na inclusão da criança autista, proporcionando novas aprendizagens e experiências sociais (Padilha *et al.*, 2021 *apud* Chiote, 2013).

A iniciativa deste estudo se deu por meio de uma infância onde as histórias de contos de fadas sempre foram a parte mais divertida do dia, aprendendo com elas a escrever, ler e ver o mundo de forma mais leve e esperançosa, devido à certeza do final feliz. A contação de história para crianças com TEA passa a ser interessante após o nascimento dos meus dois irmãos, Guilherme e Mirella, um menino autista que evolui a cada dia e uma menina que perpassa diversos diagnósticos, desde autismo até o Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), sem uma conclusão de onde ela se enquadra e várias comorbidades que lhe afetam.

O debate envolvendo a discussão sobre as crianças com TEA, não é novo. As pesquisas têm evidenciado que as singularidades dessas crianças que possuem diversas especificidades, tanto na compreensão delas quanto na expressão de emoções e na atenção que

geralmente não destinam da mesma maneira que as crianças comuns. Legalmente, as crianças com TEA têm direito garantido ao acesso à educação, inclusão e adaptação dos temas e assuntos estudados, dando importância à criação de estratégias para o ensino desses estudantes.

A metodologia adotada nesse trabalho é de abordagem qualitativa, com o uso da pesquisa bibliográfica e documental. Para aprofundamento de nosso estudo, optamos por referenciais teóricos que discutem sobre a temática de crianças com TEA e autores que dialogam sobre a função da contação história e suas possibilidades como prática pedagógica na perspectiva da inclusão. Os autores que subsidiaram nossa discussão, em destaque, Padilha (2021), Cunha (2013), Mantoan (2003), Lopes e Sobrinho (2022), Campos e Mgnani (2024). Ao lado dos referenciais teóricos, dialogamos com a legislação vigente que garante os direitos das crianças com TEA.

Diante do exposto, temos a intenção de discutir, neste trabalho a importância da contação de história para inclusão de crianças com TEA na educação infantil, discutir sobre o potencial da contação de história como prática pedagógica no processo de inclusão; analisar o papel da de história como auxiliar na integração social das crianças com TEA.

O artigo está dividido em quatro seções, a saber: introdução; Reflexões sobre o Autismo e os caminhos para inclusão escolar; A contação de história como ferramenta de inclusão; A ambientação e organização inclusiva: um olhar sensível para as crianças com TEA; E por último as considerações finais.

2. REFLEXÕES SOBRE O AUTISMO E OS CAMINHOS PARA INCLUSÃO ESCOLAR

Embora existam diversos estudos sobre o autismo, é importante considerar a definição da Associação Americana de Psiquiatria, que descreve o TEA e é amplamente aceita no mundo. A palavra “autismo” tem origem grega, derivada de “autos”, que significa “voltar para si mesmo” (APA, 2014). É um termo usado na psiquiatria para descrever comportamentos de pessoas que se centralizam em si mesmas. “Autos” significa “próprio” e “ismo” traduz um estado ou uma orientação, ou seja, uma pessoa fechada e reclusa em si (Padilha *et al.*, 2021).

É compreendido como um estado ou condição em que a pessoa parece estar reclusa em si própria. É considerado um transtorno complexo, difícil de ser definido com precisão, pois não existem métodos para testá-lo ou medi-lo de forma exata. As pesquisas atuais estão longe de encontrar uma “cura” para o autismo, e o transtorno acompanha o indivíduo por todo o seu ciclo vital (Onzi; Gomes, 2015). Os estudos mais recentes sobre o TEA indicam que se trata de um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta diversas áreas do desenvolvimento infantil,

interferindo diretamente no seu funcionamento. E com os avanços em tecnologias é possível que esse transtorno já pode ser identificado antes dos três anos de idade. (Silva, 2023, p. 27).

Essas características são entendidas por diversos estudiosos da área como um favorecimento ao isolamento dessas crianças, então, nesse sentido, a escola é o um recurso extremamente valioso para o desenvolvimento e ferramenta de inclusão de crianças com esse transtorno contribuindo significativamente para o aprendizado e novas experiências sociais a elas.

Alguns mitos cercam esses tipos de crianças, infelizmente. Um dos mais conhecidos é achar que o Autismo tem cura, como se fosse algum tipo de doença. Para a Lopes e Sobrinho (2021) elas esclarecem que:

O TEA não é uma doença, portanto não terá cura. É um transtorno do neurodesenvolvimento e as pessoas que o apresentam necessitam do acompanhamento de especialistas e, em alguns casos, fazem uso de medicações (Lopes e Sobrinho, 2021).

O que também é bastante comum é achar que essas crianças não gostam ter amigos, que são crianças agressivas, ou que só acontece em meninos, que crianças com TEA são sempre iguais em seus comportamentos, ou que todos serão superdotados. Lopes e Sobrinho (2021) continuam a esclarecer que “algumas pessoas acham também que o diagnóstico só pode ser feito a partir de 3 anos.” Para as autoras, atualmente, devido a divulgação de novas pesquisas, já se pode chegar a resultados concretos antes mesmo do bebê completar um ano de vida. Após desmistificar algumas crenças sobre crianças com TEA, é essencial compreendermos que, a partir desse entendimento, diversos meios de inclusão podem ser considerados para essas crianças, promovendo uma integração sem preconceitos, como previsto em nossa legislação vigente.

A Constituição de 1988, em seu artigo 208, estabelece os deveres do Estado em relação à educação, garantindo atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (Brasil, 1988). Portanto, o atendimento especializado a esse público está assegurado por lei. Ao longo dos últimos anos, outras leis também foram criadas e sancionadas, como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), sancionada em 2015, que destaca a importância da inclusão escolar e da acessibilidade. A legislação assegura que os alunos com deficiência tenham acesso a um currículo adaptado, recursos didáticos apropriados e profissionais capacitados, proporcionando a todos os alunos, independentemente de suas condições, as mesmas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento pessoal.

A Lei Berenice Piana (12.764/12) instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, estabelecendo um conjunto de direitos específicos para pessoas com autismo. Em seu §2º, define que a pessoa com TEA é legalmente considerada pessoa com deficiência. Esses direitos incluem acesso a diagnóstico, tratamento, medicamentos e terapias pelo Sistema Único de Saúde (SUS), bem como à educação, proteção social, trabalho e serviços que promovam a igualdade de oportunidades (Brasil, 2012). Essa lei assegura que crianças com TEA tenham direito a uma educação que propicie a inclusão, garantindo condições para a construção da igualdade. Dessa forma, como ensina Mantoan (2003, p.31):

Não há inclusão, quando a inserção de um aluno é condicionada a matrícula em uma escola ou classe especial. A inclusão deriva de sistemas educativos que não são recortados nas modalidades regulares e especiais, pois ambas se destinam a receber alunos aos quais impomos uma identidade, uma capacidade de aprender, de acordo com suas características pessoais (Mantoan, 2003, p. 31).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), no artigo 58, estabelece que alunos com "deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação" devem ser incluídos nas turmas regulares de ensino, assegurando atendimento especializado quando necessário. No artigo 59, a lei detalha como as instituições de ensino devem se preparar para a inclusão desses alunos, orientando sobre as ações e a condução do trabalho pedagógico.

É essencial notar o aumento significativo no número de crianças diagnosticadas com TEA, o que amplia a responsabilidade do pedagogo ao lidar com esse público. A inclusão dessas crianças é parte vital do contexto escolar, demandando que todos os envolvidos estejam preparados e engajados para atendê-las. Nesse cenário, a atuação do docente é de grande importância, pois ele será o mediador dessa criança no ambiente escolar, observando e agindo para que a inclusão seja efetiva e harmoniosa (Silva, 2022).

Incluir não significa apenas inserir as crianças em sala de aula, mas sim utilizar atividades e métodos que atendam às necessidades delas, permitindo que elas aprendam de acordo com suas potencialidades individuais. Além disso, é fundamental ter um ambiente preparado para receber crianças com deficiências, com toda a acessibilidade necessária. A inclusão escolar oferece às crianças autistas novas oportunidades de convivência com outras crianças da mesma faixa etária, transformando a escola em um ambiente de aprendizagem, experiências e desenvolvimento social (Padilha *et al.*, 2021).

Para a inclusão de crianças autistas, é essencial que o pedagogo se dedique à

mediação do processo de aprendizagem e inclusão, facilitando a interação social delas com seus pares. O docente precisa conhecer bem a sua turma e a partir do acompanhamento e observação das crianças, poderá avaliar as necessidades e singularidades para planejar adequadamente suas ações pedagógicas, uma vez que o diagnóstico nem sempre fornece todas as informações necessárias. Entretanto, a capacitação contínua do pedagogo é fundamental para implementar métodos e práticas eficazes, capazes de atender às necessidades educativas de todas as crianças, com ou sem deficiências (Silva, 2022).

3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO

Desde os primórdios da humanidade, a Contação de História se entrelaça com a própria história da civilização, servindo como um portal para o conhecimento, a cultura e a identidade de cada povo. Mais do que simples entretenimento, as histórias servem como pontes entre o real e o imaginário, convidando-nos a questionar, refletir e construir nosso próprio senso crítico. Através da narração oral ou da palavra escrita, as histórias nos transportam para diferentes mundos, nos conectam com os sentimentos e experiências humanas e nos convidam a descobrir a nós mesmos e ao mundo ao nosso redor (Padilha *et al.*, 2021).

O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a autoidentificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou circunstância da vida (Torres; Tettamanzy, 2008, p. 03).

Ainda sobre o estudo de Padilha *et al.*, (2021) *apud* Filho (2009), contar história pode ser um excelente ponto de partida para iniciar discussões entre alunos e professores, além de fortalecer os vínculos entre os próprios alunos. Outro aspecto importante é o ciclo da atividade de contar histórias: começa com a palavra escrita, desenvolve-se através da leitura e retorna ao texto escrito. Dessa forma, os alunos experimentam a inserção da literatura em suas atividades de lazer e em sua comunicação diária.

Quando nos reportamos ao processo de contação de história para crianças com TEA, precisamos refletir sobre as suas especificidades e como podemos nos planejar para oportunizar um momento experiência prazerosa com a magia da literatura infantil. Nesse sentido, é necessário ter clareza de algumas de suas singularidades de crianças com TEA.

Uma característica marcante desse público é o forte apego a padrões, que podem

incluir rotinas, comportamentos específicos e rituais diários. Indivíduos com TEA geralmente apresentam inflexibilidade em relação a esses padrões, como rituais de saudação, maneiras de pensar ou preferências alimentares. Qualquer mudança nesses padrões estabelecidos pode causar grande desconforto e sofrimento. No contexto escolar, essa falta de adaptabilidade pode ser particularmente desafiadora para quem está contando a história, pois situações inesperadas ou alterações podem desencadear crises, dificultando a participação em atividades e comprometendo o bem-estar e a aprendizagem do aluno (Campos; Magnani, 2024).

Crianças com TEA podem exibir reatividade sensorial atípica, que se manifesta como hipo ou hiper-reatividade. Isso inclui indiferença à dor e temperatura, aversão a certos sons e texturas, tendência a cheirar ou tocar objetos excessivamente, e uma fascinação visual por luzes e movimentos. Tais reações podem dificultar o convívio social e o desenvolvimento escolar, pois determinados estímulos podem desviar a atenção ou causar crises.

As crianças com TEA também podem apresentar outras características, como pouco contato visual, atraso na fala e na marcha, déficits na interação social, na comunicação e no comportamento. Elas podem desenvolver manias, estratégias próprias, e não temer situações perigosas. Podem não responder ao serem chamadas pelo nome, ter interesses restritos, brincar repetidamente com o mesmo brinquedo, tampar os ouvidos quando expostas a muito barulho e realizar movimentos repetitivos. Além disso, podem ter dificuldade em expressar sentimentos com fala ou gestos, apresentar ecolalia (tardia ou imediata) e comportamentos disruptivos, como autoagressão, heteroagressão, gritos e choro incessante (Lopes e Sobrinho, 2022).

Ainda abordando algumas características de crianças com TEA, como mencionado anteriormente, elas possuem peculiaridades que devem ser consideradas ao contar histórias para elas. É fundamental estar preparado para qualquer alteração que possa ocorrer, como perda de atenção na história ou desencadeamento de crises. Por isso, é importante reforçar algumas estratégias para tentar reverter esse quadro, que serão abordadas mais à frente.

Sabe-se que recursos audiovisuais são grandes aliados do contador de histórias. No entanto, quando se trata de incluir crianças com TEA, é difícil dosar a quantidade correta desses recursos. Para Lopes e Sobrinho (2022), eles ajudam a prender a atenção do aluno durante a história, mas, em excesso, podem desencadear crises, inviabilizando a atividade para a criança. Por isso, é fundamental conhecer bem esse público. Os professores que conhecem as hipersensibilidades das crianças podem ajudar a criar um ambiente confortável para elas (Campos e Magnani, 2024).

Ao contar histórias visando a inclusão, é necessário optar por poucos recursos e

apenas os principais. Se for utilizar algum auxílio auditivo, como som ambiente ou música, prefira sons tranquilos, com volume baixo e que não sejam essenciais para o andamento da história, permitindo que possam ser descartados se necessário. Para auxílios visuais, escolha poucos e opte por cores e tons menos intensos, pois a sobrecarga de informações visuais também pode desencadear crises. É importante diminuir os distratores para manter a atenção da criança e reduzir sua carga sensorial (Lopes e Sobrinho, 2022).

Uma das dificuldades acentuadas em alunos dentro do espectro autista é a capacidade de manter a atenção. Dessa forma, é necessário usar recursos audiovisuais de maneira controlada e planejar a atividade de forma segmentada, com diferentes partes e atividades entre elas, ou com tempo reduzido. A sobrecarga de informações visuais e auditivas pode ser um tipo de problema como a perda de foco e o desinteresse pela atividade aplicada. O hiper foco, uma característica do TEA onde a criança dedica toda sua atenção a um determinado tema, pode ser utilizado pelo contador de histórias para adaptar suas narrativas, abordando temas de interesse da criança e despertando nela o interesse pelo que está sendo contado (Campos e Magnani, 2024).

A narração de história é uma atividade que integra a rotina familiar desde a tenra idade das crianças, assim como no contexto escolar, especialmente na Educação Infantil, uma fase essencial para o enriquecimento da linguagem de qualquer pessoa. Essa prática pode se manifestar em diálogos, relatos pessoais e até na criação de histórias de ficção (Deliberato; Adurens; Rocha, 2021). Para Girardelho (2007):

A atividade de contar histórias é presença cotidiana nas creches e pré-escolas, sendo a ela corretamente atribuídos o incentivo à imaginação e à leitura, a ampliação do repertório cultural das crianças e a criação de referenciais importantes ao desenvolvimento subjetivo (Girardelho, 2007).

Ao professor, responsável direto por contar essas histórias, especialmente para crianças com TEA, cabe desenvolver habilidades essenciais de expressão. Não é uma tarefa fácil, pois, além de usar a fala para contar a história, o professor deve estar atento às reações expressivas das crianças enquanto ouvintes. Essas reações podem revelar desejos, vontades ou questionamentos durante o processo de contação. Cabe ao professor instigar ainda mais essas reações, ampliando o desenvolvimento cognitivo e neurológico dessas crianças (Padilha *et al.*, 2021)

Vigotski (1999, p. 128) nos ensina sobre essa questão quando afirma que “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável, do pensamento realista”. O autor explica que a principal diferença entre imaginação e cognição imediata é “a direção da

consciência”: enquanto na imaginação ela tende a se afastar da realidade, na cognição imediata há um contato direto com a realidade. Esse afastamento da realidade imediata – por meio de uma história, por exemplo – é necessário para uma compreensão mais profunda da própria realidade. “Um afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária [possibilita] processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece” (idem:129).

O desejo de seguir uma história surge da curiosidade de saber o que acontecerá a seguir. Esse desejo alinha a narrativa com a imaginação, que desde Aristóteles é vista como um movimento psíquico ligado ao desejo, especialmente ao desejo de conhecimento. A criança quer compreender tudo o que envolve a performance do adulto que canta uma canção ou conta uma história: como falar, como cantar, como produzir o som de uma cavalgada com palmas, como fazer o personagem roncar. À medida que sua capacidade linguística se desenvolve, ela se torna cada vez mais curiosa para descobrir as surpresas que o enredo reserva (Girardello, 2007).

4. A AMBIENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO INCLUSIVA: UM OLHAR SENSÍVEL PARA AS CRIANÇAS COM TEA

A contação de história na sala de aula, quando bem executada e explorada, é significativa para todos os envolvidos no processo educativo. Para que a aprendizagem ocorra efetivamente, é essencial que o ambiente da sala de aula ofereça condições físicas adequadas para a movimentação das crianças. Esse espaço deve permitir que elas criem seus próprios cenários e compreendam as histórias contadas, possibilitando interpretações orais, físicas e através da encenação das narrativas (Campos; Magnani, 2024). Portanto, antes do/a professor/a começar a contar história, é necessário haver toda uma preparação do ambiente para que essas crianças se familiarize e torne o processo lúdico mais fácil de aplicar.

Outro ponto importante é que seja um ambiente amplo, pois é provável que essa criança irá se movimentar em sala e para isso, precisará de liberdade e mais conforto. Desse modo, outros locais devem ser explorados também para essa atividade, porém, Lopes e Sobrinho (2022) entendem que crianças com TEA quando inseridas em ambientes já conhecidos por elas, tornam essas atividades mais facilitas. Segundos os autores, quando ocorre essas mudanças de rotinas, de ambientes das quais os alunos não estão acostumados, podem gerar crises.

Impulsionadas pela emoção, as crianças interpretam os personagens de maneira lúdica e divertida, utilizando sua criatividade. Por isso é importante que no ambiente escolar, a crianças com TEA estejam a sua disposição brinquedos e recursos necessários para melhorar a qualidade da história contada. Ao aplicar o que aprenderam da história ouvida, elas se enchem

de ideias, o que resulta em diversas outras atividades surgindo no contexto lúdico quando uma história é contada e ouvida. Dessa forma, isso facilita todo esse processo, sem que ocorra qualquer tipo de intercorrências durante a contação de histórias, tornando esse processo lúdico mais cativante e interessante sob a ótica dessas crianças (Padilha *et al.*, 2021).

Como mencionado anteriormente, é fundamental considerar todas as características das crianças com TEA, estar atento às suas reações e adaptá-las para estimular ainda mais o interesse delas pelas histórias. É fundamental observar suas reações e tomar cuidado para que não percam o interesse pela metodologia que o professor está aplicando.

Quando se pensa em inclusão, é essencial considerar todos os aspectos que promovam a igualdade no ambiente escolar. Detalhes que podem passar despercebidos para pessoas com desenvolvimento típico podem se tornar grandes barreiras para pessoas com deficiência, especialmente para crianças com esse tipo de transtorno.

A linguagem simples é uma técnica de comunicação reconhecida internacionalmente, cujo objetivo é tornar a informação acessível a todos, incluindo pessoas com deficiência e de diferentes contextos socioeconômicos. Afinal, avisos e textos complexos frequentemente falham em transmitir a mensagem de forma clara. Portanto, é responsabilidade do Estado garantir que essas informações sejam compreensíveis (Souza & Martins, 2020, p. 06).

Na contação de história a abordagem da linguagem simples é essencial para garantir que todas as crianças, independentemente de suas habilidades, possam entender e se envolver com a narrativa. Para os professores que estão contando histórias, utilizar a linguagem simples é vital, especialmente ao lidar com um público infantil diversificado, cada um com suas características. Adaptar histórias para serem facilmente compreendidas ajuda a manter o interesse e a atenção das crianças, promovendo a inclusão. Nesse contexto, a empatia desempenha um papel central, e os contadores devem considerar as necessidades das crianças com TEA e ajustar suas histórias conforme necessário (Campos e Magnani, 2024).

A legislação brasileira de inclusão (citada anteriormente) reforça a importância da linguagem simples como uma ferramenta de inclusão, conforme estabelecido em seu artigo 3º. Essa abordagem contribui para a criação de um ambiente de aprendizagem acessível para todos. Segundo a Lei 13.146/15 em seu inciso V diz que a:

Comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos

e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações (Brasil, Lei 13.146/15 inciso V)

Campos e Magnani (2024) enfatizam a empatia dentro dessa linguagem simples, destacando o contador de histórias como um agente de inclusão. Afinal, o público com TEA possui particularidades, e é necessário preparar todo o material considerando os aspectos lúdicos que tornam a experiência mais inclusiva.

Ainda de acordo com as pesquisas realizadas, foi identificado nos estudos de Deliberato (2021) que a entonação da voz e os questionamentos feitos pelo adulto durante a contação de história para crianças com TEA tiveram resultados significativos. Em outras palavras, o uso da fala pode ser observado por essas crianças, envolvendo diferentes elementos linguísticos. O Autor destaca que a entonação no momento da emissão da vogal pode conferir maior valor ao seu significado.

Durante a contação de história, é fundamental que o mediador, que nesse caso pode ser o professor, seja cauteloso quanto à velocidade da fala. Pausas adequadas devem ser consideradas, e estimular a atenção das crianças por meio de perguntas é essencial para avaliar a compreensão do conteúdo. Esse envolvimento é especialmente eficaz quando as crianças estão agitadas devido à sua característica natural de hiperatividade que pode se manifestar em algumas crianças (Cunha, 2013).

Além disso, como sabemos, a voz desempenha um papel central ao contar histórias para crianças com TEA. A modulação vocal, variações de volume e entonação adequada são essenciais para capturar e manter a atenção dessas crianças. O contador de história deve adotar uma voz clara e envolvente, ajustando o ritmo para não sobrecarregar os sentidos das crianças. A ênfase nas palavras-chave e o uso de expressões faciais e gestos complementares contribuem para reforçar a compreensão e o engajamento na narrativa (Deliberato, 2021).

Após explorarmos algumas estratégias que os professores devem adotar ao aplicar atividades de contação de história para crianças com TEA, também é importante considerar como esses profissionais devem reagir diante de comportamentos específicos dessas crianças.

Por exemplo, a **paciência** e o **preparo** são essenciais para os professores, independente se estão lidando com crianças com esse transtorno ou não, afinal, lidar diretamente com crianças requer essas habilidades do professor. No caso específico de criança com TEA que apresenta ecolalia (que consiste em repetir trechos da história ou frases inteiras) tardia ou imediata, é fundamental compreender que isso pode ser uma forma de a criança processar a informação. Robson (2020) destaca que é essencial não se sentir frustrado nessas situações e

evitar interromper a criança quando ela repete partes da história. Pelo contrário, reforçar esses trechos repetidos e ajudá-la a compreender melhor os personagens e a trama é fundamental.

Além disso, os estudos de Mergl e Azoni (2015) indicam que as crianças autistas utilizam a ecolalia como uma forma de comunicação. Repetir palavras ou frases pode ser uma maneira de confirmar desejos, regular comportamentos ou expressar-se quando ainda não conseguem usar palavras livremente. A ecolalia tardia é considerada um sinal precoce de TEA. No atendimento fonoaudiológico de crianças com TEA, observa-se que a repetição de enunciados ouvidos confirma a singularidade da linguagem em cada indivíduo. Vale ressaltar que a ecolalia também ocorre no desenvolvimento normal da linguagem, sendo diferenciada da ecolalia patológica por sua persistência e continuidade (Mergl e Azoni, 2015).

Ainda de acordo com esses desafios em sala de aula, rotineiramente o professor terá de lidar com crises e birras, de crianças e em especial com TEA. Nesse caso, o papel essencial do professor é identificar os sinais precoces que podem desencadear esses comportamentos, agindo preventivamente para evitá-los. Entender a criança permite identificar os gatilhos que provocam essas crises. No caso do TEA, as crises geralmente resultam de uma sobrecarga sensorial ou de extrema irritação, situações que a criança não consegue gerenciar. Por outro lado, a birra é uma estratégia deliberada para obter algo desejado ou reagir a uma negação, mais comum na infância. Portanto, é fundamental observar os eventos que precedem as crises e trabalhar com previsibilidade para melhor administrá-las (Lopes e Sobrinho, 2022).

Quando a criança começa a mostrar sinais de agitação e nervosismo, Lopes e Sobrinho (2022) recomendam que o professor mantenha a calma e evite entrar em pânico. É aconselhável levar a criança para um ambiente mais tranquilo e explicar a situação de forma calma e clara, proporcionando segurança e compreensão à criança, o que ajuda a reduzir as crises. É importante ser sucinto ao falar, pois a criança pode estar distraída por causa do choro ou agitação. Segurar essa criança, de modo que impeça seus movimentos, pode aumentar o desconforto e a agressividade. Por isso que é importante manter a calma e ser firme pois isso demonstra confiança, ajudando a criança com TEA a se sentir mais segura (Lopes e Sobrinho, 2022).

Esses comportamentos são comuns e, por isso, é essencial que o professor esteja preparado para lidar com essas situações de maneira saudável. Não se deve negligenciar o elemento lúdico envolvido na contação de histórias. Mesmo que a criança apresente ecolalia tardia, como falado antes, o professor pode repetir a mesma história em outro momento. Como mencionado anteriormente, preparar o ambiente da sala é fundamental; em momentos de crise,

o professor pode oferecer brinquedos especiais que ajudem a acalmar a criança, como bolinhas de gel que aliviam o estresse e a ansiedade.

O professor deve conhecer bem cada criança, observando seus sinais, comportamentos, habilidades e necessidades principais. A anamnese durante a matrícula é um recurso fundamental nesse processo. A família deve ser entrevistada por um profissional da escola, como coordenador, psicólogo, psicopedagogo ou o próprio professor. Essas informações devem ser tratadas com sigilo e a entrevista realizada sem a presença da criança, preferencialmente fora do horário escolar regular. É essencial documentar essas informações de maneira clara e legível para garantir um acompanhamento eficaz da criança (Cunha, 2013).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil é uma necessidade que vai além da simples inserção em sala de aula. Este trabalho buscou explorar a contação de história como uma ferramenta pedagógica fundamental no processo de inclusão, considerando as especificidades desse público e propondo estratégias que favoreçam tanto o desenvolvimento cognitivo quanto a socialização. A contação de história se revelou uma prática essencial para o engajamento e o aprendizado de crianças com TEA, permitindo que elas vivenciem situações lúdicas e interativas.

O processo narrativo, além de estimular a imaginação e a comunicação, ajuda na expressão emocional e no desenvolvimento de habilidades sociais. Histórias adaptadas e apresentadas de forma sensível, respeitando as peculiaridades de cada criança, podem promover um ambiente acolhedor e inclusivo. Ao mesmo tempo, essa prática reforça a interação entre os pares, favorecendo a integração dessas crianças na comunidade escolar e fortalecendo os laços entre alunos e professores. A legislação brasileira, como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI/2015) e a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Lei Berenice Piana/2012), reforça a importância de garantir a essas crianças uma educação de qualidade, assim, o papel do pedagogo e dos demais profissionais da educação é determinante na mediação desse processo. A formação contínua dos educadores e a criação de ambientes adequados são essenciais para que a inclusão não se limite à matrícula, mas se concretize na vivência escolar diária.

Outro aspecto abordado foi a importância de reconhecer e lidar com comportamentos característicos do TEA, como a ecolalia, a necessidade de rotinas, e a reatividade sensorial atípica. Esses fatores demandam dos educadores uma postura de paciência,

empatia e preparo para adaptar a metodologia e o processo de aprendizagem. A utilização de recursos audiovisuais e a modulação da fala são estratégias importantes na contação de história, pois facilitam o entendimento e a participação das crianças, evitando sobrecargas sensoriais que podem prejudicar a atividade. Ademais, a preparação do ambiente e a organização inclusiva são fundamentais para garantir que as crianças com TEA possam participar ativamente das atividades escolares.

A familiaridade com o espaço e a previsibilidade das ações reduzem a ansiedade e previnem crises. Assim, ao criar um ambiente seguro e acolhedor, os professores podem transformar a sala de aula em um espaço de aprendizado significativo, onde cada criança é valorizada em sua singularidade.

Conclui-se que a inclusão real de crianças com TEA na educação infantil exige um esforço conjunto de toda a comunidade escolar e a aplicação de metodologias pedagógicas inovadoras. A contação de história é uma dessas metodologias, pois, além de promover o aprendizado, permite que essas crianças experimentem o mundo ao seu redor de forma significativa e enriquecedora. A inclusão é um processo contínuo, e o sucesso depende do compromisso dos educadores em adaptar suas práticas e do empenho das instituições em criar ambientes preparados para acolher a diversidade. Por fim, este trabalho reforça que a inclusão não é apenas uma questão legal ou técnica, mas também uma questão de respeito e reconhecimento do valor de cada indivíduo. A educação inclusiva, ao contemplar as necessidades das crianças com TEA, contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Assim, a contação de história se apresenta como uma ferramenta poderosa para transformar não apenas a vida das crianças, mas também para sensibilizar todos os envolvidos no processo educativo sobre a importância de acolher e valorizar a diversidade humana.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BERNARDINO, Andreza Dalla. SOUZA, Linete Oliveira. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. Revista Educere et Educare, Cascavel, 2011. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>> Acesso em 10 de jun. 2024.
- BRASIL DA SILVA ALCÂNTARA, A.; COUTINHO BONFIM, E. C.; LOPES BENEVIDES, S. L.; MIGUEL MACEDO, Y. **Desafios à Inclusão da Criança Autista na Educação Infantil**. Revista Interações, [S. l.], v. 17, n. 57, p. 38–57, 2021. DOI: 10.25755/int.24222. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/24222>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- CAMPOS, André Siqueira; MAGNANI, Cristiane de Souza. **Do conto à inclusão: estratégias para a inclusão do TEA na contação de histórias**. v. 2, n. 1, DOI: <<https://doi.org/10.55905/rmuscv2n1-001>>, 2024.
- CUNHA, Eugenio. **Autismo na escola: Um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. Rio de Janeiro, Wak editora, 2013.
- DELIBERATO, D.; ADURENS, F. D. L.; ROCHA, A. N. D. C. **Brincar e Contar Histórias com Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Mediação do Adulto**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 27, p. e0128, 2021.
- FILHO, José Nicolau Filho. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora. Melhoramentos, 2009 **Fontes**, 1999, p. 128.
- LOPES, Vanessa de Araújo; SOBRINHO, Marcos Fernandes. **Transtorno do Espectro Autista (TEA): Material de apoio a práticas pedagógicas inclusivas na educação infantil**. Urutaí, GO: Instituto Federal Goiano, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/2729/2/Produto_educacional_Vanessa_A_Lopes.pdf> Acesso em 15 jun. 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar).

MERGL, M.; AZONI, C. A. S. **Tipo de ecolalia em crianças com Transtorno do Espectro Autista.** Revista CEFAC, v. 17, n. 6, p. 2072–2080, nov. 2015.

ONZI, F. Z.; GOMES, R. de F. **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO E REABILITAÇÃO.** Caderno Pedagógico, [S. l.], v. 12, n. 3, 2015. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/1293>. Acesso em: 17 mai. 2024.

Robson, José., **TEA e a Narração de Histórias. 13 de agosto, 2020.** Disponível em: <https://www.contadoresdehistorias.com.br/tea-e-a-narracao-de-historias/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SILVA, Francyneves de Moraes e. **Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista da educação infantil: uma revisão integrativa da literatura/ Francyneves de Moraes e Silva.** UFPB, João Pessoa, 2023. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/27200>> Acesso em 10 de jun. 2023.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Contaçon de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação.** Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. PPGLTUFGRS Porto Alegre Vol. 04 N. 01 jan./jun. 2008.

VIGOTSKI, L.S.: O Desenvolvimento Psicológico na Infância. São Paulo, Martins



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA
EDUCAÇÃO FACULDADE DE
EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

DECLARAÇÃO VERSÃO FINAL

Declaro que MÁRCIA CRISTINA DE MORAES ARAÚJO
matrícula nº 202110540160, discente desta Instituição de Ensino Superior, Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia, defendeu o Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido
sob minha orientação e entregou a versão final com as revisões recomendadas pela banca
examinadora.

Belém-PA. 29/11/2024



Documento assinado digitalmente
Celita Maria Paes de Sousa
Data: 29/11/2024 18:07:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Celita Maria Paes de Sousa
(ICED/UFPA)





Ministério da Educação
Universidade Federal do Pará
Sistema de Bibliotecas

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NO PORTAL INSTITUCIONAL DE ACESSO ABERTO DA UFPA

1. Tipo de documento: () TCC³ () TCCE⁴ () Dissertação () Tese (X) Artigo Científico () Livro
() Capítulo de Livro () Trabalho Apresentado em evento () Outro: _____

2. Informações sobre a obra:

Autor(a): Márcia Cristina de Moraes Araújo

RG: 6696480

CPF: 01285228286

E-mail: marcia.araujo@iced.ufpa.br

Telefone: (91)981964825 _____ Programa: _____

Orientador(a): Celita Maria Paes de Souza

Coorientador(a): _____

Título do documento: A contação de história como ferramenta de inclusão de crianças com o transtorno espectro autista na educação infantil

Data da defesa: 31/10/2024 Área do Conhecimento (tabela do CNPq): _____

Área de Concentração (Se Tese ou Dissertação): _____

Linha de Pesquisa (Se Tese ou Dissertação): _____

Agência de Momento (se houver): _____

3. Informação de disponibilização do documento:

Restrição para publicação: () Total* () Parcial* (X) Sem restrição

Justificativa de restrição total: _____

Em caso de restrição parcial, especifique os capítulos restritos: _____

A partir de qual data esse documento poderá ser disponibilizado: 01 / 02 / 2025 s

4. Permissões

Permite o uso comercial da obra? () Sim (x) Não

Permitir modificações na obra? () Sim (x) Não

O documento está sujeito a patentes? () Sim (x) Não

5. T&D defendidas fora da instituição

É Tese ou Dissertação defendida fora da UFPA? () Sim () Não

Belém, 07 de dezembro de 2024

Local e Data

Assinatura do(a) autor(a)

³ Trabalho de Conclusão de Curso em Graduação

⁴ Trabalho de Conclusão de Curso em Especialização



**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) Nº 11/2024 - FACEDUCACA
(11.32.03)**

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 09/01/2025 09:26)

ALMIRA CELIA DE CRISTO TEIXEIRA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

ICED (11.32)

Matrícula: ###158#5

(Assinado digitalmente em 08/12/2024 16:21)

CELITA MARIA PAES DE SOUSA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

ICED (11.32)

Matrícula: ###528#8

(Assinado digitalmente em 10/12/2024 12:28)

KARLA NAZARETH CORREA DE ALMEIDA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

ICED (11.32)

Matrícula: ###784#0

(Assinado digitalmente em 08/12/2024 16:23)

MARCIA CRISTINA DE MORAES ARAUJO

DISCENTE

Matrícula: 2021#####0

Visualize o documento original em <https://sipac.ufpa.br/documentos/> informando seu número: **11**, ano: **2024**, tipo: **ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)**, data de emissão: **08/12/2024** e o código de verificação: **08d0e14068**